



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

SEXUALIDADE: UMA FONTE POSSÍVEL DE CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE? REFLEXÕES SOBRE O ANCESTRAL EMBATE ENTRE A IDENTIDADE BASEADA NO CORPO E A EDUCAÇÃO SEXUAL REPRESSIVA

**Sandra Mara Volpi
Sonia Ana Charchut Leszczynski**

RESUMO

A identidade, ao longo da história de cada pessoa, apoia-se na materialidade do corpo. Neste reside a função sexual, a qual, como orientação natural ao prazer, faz parte da identidade. Em meio à chamada modernidade líquida (BAUMAN, 2007), na mesma medida em que antigas instituições e referências sociais são questionadas e abandonadas, também o corpo se liquefaz. Antes que novas referências tornem-se possíveis, mulheres e homens, nos vínculos que compõem, debatem-se entre dois polos: aproximarem-se entre si e se tornarem íntimos, arriscando transformarem-se em prisioneiros uns dos outros, ou viver em “liberdade”, a qual muitas vezes torna-se solidão. Como resultado, limita-se o potencial para o prazer e para o amor. Nesse lastro, seguem as ciências humanas e, entre elas, a educação. Esta, ao abordar a sexualidade, em geral desconsidera o inato potencial do organismo humano para a autorregulação. Retomar esse importante pressuposto reichiano, assumindo uma visão positiva frente à vida viva, afirma também a função de equilíbrio cumprida pela sexualidade.

Palavras-chave: Autorregulação. Educação. Identidade. Sexualidade.

Em que ponto da história de sua própria vida uma pessoa começa a existir? Em que ponto, em outro extremo, determina-se o fim dessa existência? Que elementos vitais, precisamente entrelaçados, compõem a trama de uma identidade única?

A mitologia lança mão de uma alegoria para representar o início, o meio e o fim... A vida é uma linha, produzida, enovelada e cortada por três fiandeiras.

Na mitologia romana, as fiandeiras são conhecidas como Parcas; na grega, como Moiras. São também chamadas Fates, daí o termo “fatalidade”. Parcas significam “partes” (de vida, de felicidade, de infortúnio). Seus nomes romanos são Nona, Décima e Morte. Nona é uma alusão às nove luas da gestação humana; Décima, tem relação com a décima semana, quando o bebê já é nascido, Morte representa a interrupção da existência.

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

2

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Já os nomes gregos para as Moiras são Cloto, que significa “fiar”, Láquesis, sinônimo de “sortear” e Átropos, cuja denominação representa “afastar”. Cloto é o passado, Láquesis, o presente e Átropos, o futuro.

As Parcas ou Moiras são a representação mitológica do destino do homem. Sua missão, postadas ao redor do Fuso da Necessidade, é fiar a linha da vida dos mortais. Uma tece o fio, outra toma conta da extensão e da trajetória desenhada pelo fio, enrolando-o no fuso, enquanto à terceira cabe a responsabilidade por cortá-lo.

Nona, ou Cloto, fia o fio da vida, e com isso promove o nascimento. Décima, ou Láquesis, roda o fuso, enrolando a linha da vida, e assim distribuindo os destinos. Morta, ou Átropos, corta o fio, encerrando a vida, na morte. (AS MOIRAS...; MOIRAS; PARCAS; PLATÃO).

Essa mesma alegoria faz sentido ao nos depararmos com a extensão com que temos, ao longo de nossa história individual – e também da história da humanidade da qual fazemos parte, e que ajudamos a construir –, abandonado a nós mesmos, deixando nosso corpo, nossa sexualidade, nossa possibilidade para o prazer, enfim, nossa identidade, à mercê das instituições sociais que nós mesmos criamos.

O início da história de um indivíduo, vista como um continuum semelhante a uma linha, pode ter seu início no momento em que seus ascendentes diretos (ou seja, seus pais) efetivam o intercuro sexual no qual este indivíduo é concebido. Pode-se recuar ainda mais no tempo e alcançar o momento em que um homem e uma mulher decidem gerar um filho, e compreender que talvez aí seja o início... Na verdade, podemos ir mais longe, considerando a força da cultura em determinar a necessidade de se exercer os papéis masculino e feminino também por meio do encaminhamento da sexualidade à sua função reprodutiva, moldando as chamadas “identidades de gênero”. E já que nos lembramos da tão enfatizada função reprodutiva da sexualidade, também poderíamos incluir nesse espectro a necessidade da espécie humana em se autoperpetuar através da reprodução. Talvez não possamos encontrar o início dessa história ou afirmar com precisão o quanto ela está enraizada em cada um de nós.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

3

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

No outro extremo da linha da vida, o fim pode estar na morte. Mas também se pode questionar se a morte determina mesmo um fim, ou se permanecemos vivos, seja em nossa descendência, seja na história da cultura da qual fazemos parte, seja como energia...

Não raro lançamo-nos – ou somos lançados – a questões metafísicas sobre de onde viemos e para onde vamos... Nenhum problema até aí... Este questionamento apenas torna-se um entrave se é maior que a nossa possibilidade de estarmos aqui, vivos, em nossos corpos, em nossas emoções, em nossas relações, exercendo nossas funções. Se perdermos o contato com a materialidade de nosso organismo e com suas imensas possibilidades, aí sim, estaremos em meio a um problema. Há que se dizer que não raro isso acontece. Frequentemente somos arrebatados de nossa materialidade. Cabe dizer que a materialidade a que nos referimos não é sinônimo de materialismo, característica comum ao ser humano contemporâneo. Partimos do pressuposto de que o materialismo se desenvolve na lacuna deixada pela falta de contato com nossa materialidade essencial, que é dada pelo corpo, e dessa forma produz e perpetua a neurose. Surge quando se nos subtrai a possibilidade de guiar a nós mesmos por meio do organismo e de sua sabedoria: isso acontece na família, na escola, no trabalho, enfim, diante de várias de nossas referências em sociedade.

Talvez exatamente por abandonarmos o próprio corpo, o prazer, a sexualidade, deixando-os à mercê de outros, é que entregamos nossa vida ao destino ou às fiandeiras que decidem seu começo, como se desenrola, quando termina...

Desistimos de viver e tememos a morte, precisamente porque morrer significa definitivamente deixar de viver, algo que já está presente mesmo em vida. Morrer requer uma entrega que, embora pudéssemos, não experimentamos durante a vida, pois nos amedronta. Segundo Lowen (1986) a neurose é o próprio medo da vida. É resultado do conflito entre o desejo e o medo de se entregar ao desejo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

4

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

O neurótico está em conflito consigo mesmo. Parte de seu ser está tentando sobrepujar uma outra parte. Seu ego está tentando dominar seu corpo; sua mente racional, controlar seus sentimentos; sua vontade, superar medos e ansiedades. (LOWEN, 1986, p. 12).

E assim se forma nossa estrutura de caráter: abandonando nossa essência, nosso funcionamento natural, e com eles o corpo e o prazer.

Reich (1983) postulou que nosso organismo é capaz de autorregulação, e que nossa sociedade rapidamente impõe um funcionamento, em geral, oposto a esta capacidade. Veementemente, Reich apontou para o quanto somos hábeis em expulsar do mundo os “recém chegados”, interditando sua possibilidade de se orientar pelo prazer, assim como nós próprios, em algum momento, o fomos.

Segundo essas ideias, uma vez que compreendemos que o organismo é originalmente autorregulado e orientado ao prazer, desenvolvemos uma visão positiva com relação à sexualidade. Esta visão distancia-se por completo da histórica atitude controladora perante a sexualidade, tão bem apontada por Foucault (1985), e também vai muito além da mera tolerância à sexualidade: permite-lhe expressão.

Reich, sabiamente, fala da origem do “não” humano, ao retratar, por exemplo, as rotinas médicas no momento do parto. Mãe e bebê são submetidos a um saber estabelecido que suprime a espontaneidade, respectivamente de uma e do outro, no ato de dar à luz e de nascer, transformando esse momento em uma intervenção, por assim dizer, mecânica. Certamente muito esforço tem sido feito para que essa realidade mude, transformando o parto numa experiência de prazer. No entanto, sabemos que muitas atrocidades ainda são cometidas antes, durante e depois dessa etapa.

Quando se fala em antes, aqui, refere-se a *muito* antes, tanto na história individual, quanto na história da própria humanidade. Assim, nessa reflexão, cabe compreender o que aconteceu com a natural orientação ao prazer do ser humano em sua história pessoal e na história da humanidade da qual faz parte.

Embora o convívio da sociedade com a sexualidade dos indivíduos seja envolvido em tantos conflitos, e que o tema sexualidade, por esse motivo, permaneça como um tabu, sabe-se que a sexualidade é fundamental à saúde.



Nem sempre a sexualidade é vivida de forma saudável, mas pelo menos sabemos que esta função é fundamental ao bem-estar, seja em termos fisiológicos, seja em termos emocionais. Quando se fala em fisiológico, por um lado e emocional, por outro, deve-se considerar que, muito embora o sexo de fato responda às questões fisiológicas e a sexualidade às questões emocionais, separá-los é herança de uma ciência que ainda é fortemente influenciada por postulados cartesianos. Sexo e sexualidade são assuntos não só paralelos como entrelaçados, sendo que sexo corresponde à “[...] marca biológica, caracterização genital e natural [...]” enquanto sexualidade forma “[...] o conjunto dos fenômenos da vida sexual [...], algo exclusivamente humano.” (BATISTA, 2008, p. 97).

Foucault (1985), analisando o desenvolvimento histórico da sexualidade entre os séculos XVII e XX, constatou que cresceram, com o passar do tempo, os códigos morais que ditam regras de comportamento quanto a separar o obscuro do decente, a determinar o que pode ser considerado transgressão, o que pode ou não ser exposto (incluindo-se o próprio corpo). Assim, impôs-se ao sexo, a partir dos séculos XVIII e XIX, o “[...] tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.” (FOUCAULT, 1985, p. 10).

Respondendo à necessidade de crescimento das nações, pelo aumento populacional, a sexualidade confinou-se à vida dos casais e sobre esta, o Estado, a Igreja e a Educação mantiveram um estrito controle. O resultado foi a imposição de um modelo heterossexual hegemônico e da restrição da sexualidade à sua função reprodutiva, negligenciando-se o prazer que nela está envolvido. Negligenciar o prazer, por sua vez, teve uma função adicional, na medida em que se considera prazer incompatível com a força de trabalho e com a produtividade desejável pelas sociedades capitalistas.

Com a separação entre o Estado e a Igreja e com o direcionamento da Educação, antes responsabilidade da Igreja, às escolas, as formas de controlar a sexualidade migraram do confessionário (momento em que o saber sobre o sexo ficava sob a responsabilidade da Igreja) para um discurso dito científico, validado pelo especialista – médico, psicanalista, educador. Assim, o discurso



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

6

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

científico e a Educação perpetuaram o controle do Estado e da Igreja sobre a sexualidade. (FOUCAULT, 1985).

Contra esse controle, ergueram-se vozes para denunciar uma suposta repressão, considerada por Foucault (1985, p. 15) não mais que uma “[...] ‘hipótese repressiva’ [...]”. Nem mesmo o discurso antirrepressão permitiu à sexualidade seguir seu curso natural... “A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos mas, por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?” (FOUCAULT, 1985, p. 14).

Enquanto reprimimos a sexualidade, ou erguemos nossas bandeiras contra a repressão, persistimos em não vivê-la...

Caberia ouvir o conselho e o desejo de Reich: “Tens a vida nas tuas mãos. Não a entregues a outrem [...]. SÊ TU PRÓPRIO.” (REICH, 1982, p. 65). “Quero que percas o medo de ti próprio, que vivas com maior plenitude e alegria. Que o teu corpo seja vivo em vez de rígido [...]” (REICH, 1982, p. 70-71). Deveria ser assim. Deveríamos retomar a nós mesmos, nossa identidade, nosso corpo, nosso prazer...

Falar em prazer, na abordagem que reúne mente, corpo e emoção, é falar em sexualidade; é falar de uma função que se manifesta, na vida adulta, por meio da genitalidade e que, antes da vida adulta, já vem se manifestando de outras maneiras. Isto equivale a dizer que a sexualidade é mais ampla que a genitalidade; faz parte de todas as etapas da vida, e em cada uma destas encontra uma peculiar forma de expressão, tendo como força essencial o prazer.

O encontro entre a célula recém gerada e o útero materno que a abrigará por cerca de nove meses, é *potencialmente* prazeroso. A integração dos sentidos (visão, audição, olfato, tato, gustação) ao mundo e às pessoas que dele fazem parte, nos momentos iniciais da vida de um bebê – extensivo aos primeiros dias, semanas, meses, anos de vida... – é *potencialmente* prazeroso. O contato com o seio materno e a alimentação é *potencialmente* prazerosa. A sensação e o domínio do próprio corpo e das próprias emoções



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

7

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

são *potencialmente* prazerosos. A relação genital adulta é *potencialmente* prazerosa.

Se há todo esse *potencial* para o prazer, por um lado, claro está que por outro há a possibilidade de que o prazer não seja sentido, vivido ou expresso ao longo de nossa história. Em outros termos, o organismo pode também encontrar o desprazer, a dor. A questão é que na visão da Psicologia Corporal, o organismo buscará sempre, primordialmente, a homeostase, o prazer, o equilíbrio, e também procurará intensamente evitar a dor. A dor estará no caminho, sem dúvida: a saúde, na visão reichiana, não implica em que a dor não exista, mas prima pela manutenção da autorregulação, do vigor biológico, para que o organismo reencontre seu equilíbrio *apesar* de viver momentos de adversidade.

Lowen (1982, p. 118) afirma: “A meta essencial da vida é o prazer e nunca a dor.” E prossegue:

Esta é uma orientação biológica porque, a nível corporal, o prazer proporciona o bem-estar do organismo, e a própria vida. Como sabemos, a dor é vivida como ameaça à integridade do organismo e então nos abrimos e saímos em busca de algo, espontaneamente, cuja natureza é o prazer. Contraímos-nos e fugimos de situações dolorosas e quando a situação contém uma promessa de prazer, associada a uma ameaça de dor, sentimos ansiedade. (LOWEN, 1982, p. 118).

Contra a ansiedade erigimos as defesas psicológicas e físicas que caracterizam nosso funcionamento neurótico.

É em meio a esta situação, tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista individual, que a identidade busca se desenvolver, nos âmbitos biológico, psicológico, social, cultural.

Somos um organismo; somos um corpo. Portanto, somos nossas emoções, sensações e percepções. Somos, com este arsenal, seres em relação. Construimos uma história.

Nesse ínterim, a sexualidade, ou seja, a orientação ao prazer, deveria também compor a trama de nossa identidade.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

8

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Antes de prosseguir, é preciso frisar que a concepção psico-corporal não defende um estado de prazer absoluto e permanente, pois, se entendemos que a repressão leva à restrição do corpo e das emoções, por meio das couraças musculares e caractereológicas (REICH, 1986), impedindo a pulsação primordial de nosso organismo, defender o seu contrário como ideal seria, da mesma forma, optar somente por um extremo do movimento pulsatório. Pulsação pressupõe expansão e contração – não *somente* contração ou *somente* expansão... – e, dessa forma movimento. A Psicologia Corporal prima pela possibilidade de que se preserve a vitalidade para permitir ao organismo movimento: expandindo-se quando é possível e contraindo-se quando necessário.

A cultura, de um lado, tem dado ênfase à contração e punido a expansão enquanto, de outro, as mais variadas iniciativas contrárias à repressão, tem proclamado todo o contrário como ideal. No entanto, ao fazer isso, tais iniciativas promulgam uma ditadura tão intensa quanto aquela contra a qual se posicionam. Além disso, talvez, com suas propostas de um mundo sem limites ao prazer, tornam seu objetivo ainda mais inalcançável, posto que contra essa possibilidade erigem-se ainda mais fortemente as interdições.

Na compreensão que podemos ter a partir da abordagem psico-corporal, então, o que se pretende é a recuperação da pulsação. Acreditamos que se esta pulsação puder ser retomada – lembrando que pulsação significa expandir-se quando possível e contrair-se quando necessário – pode-se ultrapassar a barreira da limitação (mas não do limite), da repressão (mas não da coerência com a liberdade que inclui responsabilidades), alcançando-se mais saúde (não apenas ausência de doença) e mais espontaneidade (mas não inconsequência).

Em certo ponto de sua jornada, Reich (1983) reconheceu a necessidade de se atuar na prevenção da neurose para que a pulsação orgânica pudesse ser assegurada, e para isso empreendeu medidas educativas.

No entanto Reich (1983) não pressupunha uma educação da sexualidade, pois defendia que, como função capaz de autorregulação, a



sexualidade não é passível de ser “educada”, especialmente por educadores e métodos que reproduzem o modelo de restrição às funções vitais.

Hoje, infelizmente, a Educação, ao abordar a sexualidade, ainda carrega o fardo do mecanicismo que separa sexo de sexualidade. Ao mesmo tempo, marcada pela tradição de incentivo ao crescimento populacional que era a meta do Estado e da Igreja no início da modernidade – época em que Estado e Igreja caminhavam unidos e em que a Educação era tarefa da Igreja –, repete um modelo de educação sexual baseada no conhecimento da função reprodutiva, com a conseqüente negligência da sexualidade. Vale lembrar que negligenciar o prazer, numa visão capitalista, supostamente garante a produtividade dos indivíduos, pois “[...] poder e prazer são valores opostos e [...] o primeiro exclui o segundo.” (LOWEN, 1986, P. 13).

Não bastasse a moral em que se baseia a educação em termos de sexualidade, muitas vezes a necessidade emocional em cada etapa do desenvolvimento é também posta de lado. Por exemplo, a afetividade nascente na adolescência, pela qual se conquista também autoconhecimento – necessidade premente desta etapa da vida – é muitas vezes desconsiderada quando se fala em sexualidade, focando-se muito mais na prevenção de doenças e na evitação da gravidez precoce.

Este modelo não faz mais sentido. No entanto, em seu lugar, ainda não há nada e também não temos a nós mesmos. Nossa sociedade rejeita antigas instituições (econômicas, familiares, religiosas) e se debate com novas possibilidades.

Nesse sentido, Bauman (2007) descreve a sociedade como líquido-moderna. Esta “[...] só atribui qualidade de permanência ao estado da transitoriedade” (BAUMAN, 2007, p. 88). O líquido, em sua fluidez, não se fixa, não mantém uma forma. O próprio ser humano encontra-se nesta condição: é “[...] permanentemente impermanente, completamente incompleto, definitivamente indefinido, autenticamente inautêntico” (BAUMAN, 2007, p. 48). A condição de transitoriedade é imposta aos vínculos que os indivíduos estabelecem, consigo mesmos e em suas relações.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

10

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Na vida líquida, novos começos sucedem-se de forma veloz e vertiginosa, exigindo do ser humano a habilidade para recomeçar a cada instante e também encerrar na mesma constância. Quanto mais rápidos e indolores forem os pontos finais, seja de uma ação corriqueira ou de uma relação, melhor. A solução mais eficaz para que os encerramentos sejam fáceis e rápidos, é a estratégia de se envolver apenas superficialmente, de forma que qualquer compromisso (com a consequência de uma ação corriqueira, com o parceiro de uma relação, etc.) seja revogável. (BAUMAN, 2007).

Uma vez que se relacionar e, principalmente, manter-se em relação é uma das premissas para a vivência da sexualidade e para o desenvolvimento de uma identidade nela baseada, o ser humano na sociedade líquido-moderna se encontra entre esta e outra demanda oposta, que é a de não se fixar, de se manter em movimento. O conflito entre a prisão – a que a segurança encontrada na proximidade foi transformada pela vida líquida – e a solidão – posição extrema a que chega a liberdade nessa mesma forma de vida – é implacavelmente sentido na sexualidade.

A ação relacionada à sexualidade – o sexo –, desconectada do sentimento de amor ou a ele ligada apenas ilusoriamente, obedece às leis de uma cultura consumista, ou seja, é passageira, instantânea, descartável. Nesse sentido, amor e sexo distanciam-se marcadamente.

Mais e mais, o ser humano perde sua capacidade de autorregular a orientação ao prazer. A tal ponto o ser humano precisou, da história recente aos dias de hoje, furtar-se às próprias emoções, calcadas no corpo, que hoje vivemos em crise. Estamos, em 2009, em crise com o meio ambiente, em crise financeira, e, sobretudo, em crise conosco mesmos. Mas sobre essa última, melhor não falar...

Quais são nossas referências? A cultura está mudando, a organização patriarcal já não tem tanto poder, a chamada heteronormatividade é completamente questionável, o mundo procura globalizar-se desmantelando fronteiras, antes necessárias à manutenção de peculiaridades das identidades...



Se todas as referências a que estávamos acostumados deixam de fazer sentido, o que faz sentido?... O que deveria fazer sentido, dar continência, ser referência daqui por diante? Onde devemos colocar os dois pés e fazer nosso *grounding*? Em nós mesmos... Somente uma volta ao encontro conosco será capaz de construir novas referências e novas identidades, flexíveis, adaptáveis e mais apropriadas de suas próprias funções – biológicas, psicológicas, sociais, culturais...

REFERÊNCIAS

AS MOIRAS, Parcas ou Destinos. Disponível em: <<http://contoselendas.blogspot.com/2005/08/as-moiras-parcas-ou-destinos.html>>. Acesso em: 22/11/2007.

BATISTA, C. A. **Educação e sexualidade**: um diálogo com educadores. São Paulo: Ícone, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. São Paulo: Summus, 1986.

MOIRAS. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Moiras>>. Acesso em: 22/11/2007.

PARCAS. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Parcas>>. Acesso em: 22/11/2007.

PLATÃO e a doutrina da escolha das provas. Disponível em: <http://www.paginaespirita.com.br/platao_e_a_doutrina.htm>. Acesso em: 20/11/2007.

REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICH, W. **Escuta, Zé Ninguém!** Lisboa: Martins Fontes, 1982.

REICH, W. **Bambini del futuro**. Milão: SugarCo, 1983.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

12

VOLPI, Sandra Mara; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. Sexualidade: uma fonte possível de constituição de identidade? Reflexões sobre o ancestral embate entre a identidade baseada no corpo e a educação sexual repressiva. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

AUTORAS

Sandra Mara Volpi/PR - CRP-08/5348 - Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT, Local Trainer). Mestranda em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Diretora do Centro Reichiano - Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

Sonia Ana Charchut Leszczynski/PR - é graduada em Psicologia, Master of Arts pela University of Iowa, PhD in Education pela University of Iowa, Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

E-mail: soniana@utfpr.edu.br

